

Escrita e Violência

violência epistêmica na inscrição da diferença sexual

Em “De um e outro sexos”, Jacques Lacan reflete sobre a noção de *não-toda, não-todas, não-todos* em função do valor sexual destes termos. *O homem e a mulher* são os termos cernidos a partir da estrutura da lógica da castração. Para qualquer sujeito falante ou se é ele ou se é ela, não há como chamar o indivíduo de isso.

O discurso do analista interroga os valores sexuais que durante séculos interferiram na teoria do conhecimento.

A lógica isolou na linguagem a função de prosdiorismos que são *do um, do alguns, do todos e da negação dessas proposições*. Aristóteles define as universais e as particulares e no interior de cada uma as afirmativas e as negativas. Na lógica de Aristóteles o uso *do alguns* parecia tratar da existência. E como o *todos* era concebido como agregando *alguns*, o próprio *todos* assumia o valor do que ele não é, assumia o valor de uma afirmação de existência.

A mulher se situa a partir de que *não-todas* podem ser ditas como verdade, em função do argumento, no que se enuncia da função fálica. Nesse caso a função da particular negativa é impossível, porque não se pode dizer que há *algumas* que não são a partir da afirmação do *não-todas*. *Não-todas* indica que a mulher tem somente em algum lugar relação com a função fálica.

A significação do falo não denota o sentido mas o poder de significação. A função Φx não precisa ter em princípio nenhum sentido e é produto da investigação da lógica. O argumento ou proposição da função assume a significação de homem ou de mulher conforme o prosdiorismo empregado, seja o da lógica da existência - existe ou não existe, seja o da lógica da universalidade - todos ou não-todos. “A negação da existência não é de modo algum a mesma coisa que a negação da totalidade” (Lacan J., *Mais, Ainda*)

O discurso analítico altera uma lógica que sustente o Iluminismo e a razão kantiana ao inscrever a função Φ que é nomeada castração. A função Φ significa que não há possibilidade de decifração do enigma da diferença sexual, resolvendo o obstáculo freudiano do protesto masculino e da inveja do pênis como submissos ao rochedo da castração. Para o discurso analítico os dois significantes, homem e mulher, se referem-se ao falo e constituem o semblante da não submissão.

Tudo que se articula como significante se enquadra no campo de Φx , função da castração. Se não houvesse discurso analítico, haveria só repetição do *discursocorrente*, já que não há relação sexual. Também a lógica aristotélica é substância de gozo ao se manter no campo da castração.

Um homem, não o homem, é um significante. Não se diz para um menino ser o homem, mas um homem. Em contrapartida, é interessante perceber que se fala da mulher, de a mulher, com artigo definido

Fala e Violência

Sob tortura, Vera Sílvia, militante da Dissidência da Guanabara, a única mulher que participou do sequestro do Embaixador americano, em 1969, ouviu de seu torturador: **Você vai ser torturada como homem, como Jesus Cristo.** Não se trata de um homem mas do homem. E Vera Sílvia, mulher *não-toda* a partir da lógica da castração do homem torturador teve que viver em seu próprio corpo a castração do Homem, filho do Pai que supostamente estaria no lugar do todo, do Um.

Vera Sílvia sofreu a violência do homem pelo Gozo do Um, aquele que pelo mito não sofreu a castração. A fala do Gozo do Um se dirige à castração do Homem, de Jesus Cristo, como perversão sadiana, totalitária.

Eu também militei na clandestinidade na mesma organização revolucionária de Vera Sílvia. Seu período de militância foi anterior ao meu, desde o golpe militar. Meu período de militância foi posterior a 1975. Vera Sílvia foi guerrilheira por ter participado das ações urbanas de luta armada; eu fui militante do período da resistência à ditadura pela redemocratização do país através da reorganização dos segmentos sindicais, especialmente do segmento feminino, em defesa da emancipação da mulher para a emancipação do povo.

Fui atingida pela violência da escrita por ser mulher, casada com um homem que na época era comentarista da TV Globo e que participara do sequestro do Embaixador americano e porque assessorei em 2004 o Ministro do Desenvolvimento Social na implantação do Programa Bolsa Família, programa bem-sucedido para a redução da pobreza e a erradicação da miséria. Meu marido foi demitido da TV Globo por calúnia e difamação, atingido por Diogo Mainardi com a insinuação de que teria havido tráfico de influência em minha nomeação para a liderança do governo no Senado, quando fui requisitada ao Ministério do Planejamento.

Redigi uma *Pensata* como psicanalista, que foi publicada pela Revista Imprensa (1) e que se encontra no Apêndice, e fui entrevistada pelo Portal Comunique-se (1)¹, que reúne o maior número de jornalistas do país. Transcrevo a seguir o que foi publicado pelo Portal e minha resposta.

Diogo Mainardi, colunista da Revista Veja, realizou seu quinto ataque em menos de um ano e meio contra o Secretário de Comunicação Social do governo, Franklin Martins, centrando o texto em uma conversa telefônica entre ele e a esposa do jornalista. Antes de “A esposa de Franklin Martins”, título da coluna desta semana, Mainardi já havia citado Ivanisa em outras três ocasiões, utilizando o cargo que ela ocupava como assessora parlamentar como fruto da influência política de seu marido. A psicanalista que possui mais de duas décadas de carreira no funcionalismo público recebeu manifestação de apoio de diversos membros da liderança do governo no Senado, que se comprometeram a testemunhar em seu favor.

¹ A Revista Imprensa publica as últimas notícias sobre a mídia nacional e analisa o cotidiano das redações dos jornais, rádios e canais de televisão e o Site Comunique-se é o maior site dirigido aos jornalistas em que se debate questões da imprensa nacional e da mídia. Todo ano os jornalistas votam nos profissionais que mais se destacaram.

Eis minha resposta em relação aos acontecimentos, publicada no mesmo Portal no dia 15 de abril de 2007: “Na primeira coluna eu era uma vírgula, na segunda um parágrafo, na terceira virei dois parágrafos em negrito e na quarta, perdi meu nome, me tornei a mulher do ministro? Por telefone, o jornalista Diogo Mainardi começou a tomar consciência de que esta mulher não era uma ficção, que eu existia, passando pelo desmonte de sua própria ficção. Assim, como escreveu Badiou:

amor e casal. O casal é aquilo que, amoroso, é visível a um terceiro. Este dois é desse modo calculado por uma situação em que há pelo menos três.... O dois que o terceiro conta é desse modo... um dois completamente exterior ao Dois da disjunção (ou: o dois em estado de amor). A aparência fenomênica do casal, submetida a uma lei de cálculo exterior não diz nada sobre amor. O casal não nomeia o amor, mas o estado (mesmo o Estado) de amor: não a apresentação (darstellung) amorosa mas sua representação (vorstellung). Isso não quer dizer que pelo bem do amor este dois é calculado pela visada do terceiro. Por amor, não há três, e este Dois permanece subtraído da possibilidade de qualquer cálculo.

Se o homem é o Um (I) na pequena álgebra de Lacan enquanto a mulher é inexistente, o que isto diz sobre a mulher? Isso diz que ela é uma mancha, uma anamorfose, no mundo prosaico dos homens.

Alain Badiou, no ensaio “O que é o Amor?”, interroga se em fim de análise a fórmula da sexuação construída por Lacan para descrever o paradoxo da disjunção - ao invés da separação - amorosa dos sexos pode designar um papel demasiado “clássico” à mulher. Como Freud, Lacan parece creditar à mulher uma inclinação mais forte ao narcisismo do que ao homens. (...). Se analisarmos as fórmulas de sexuação no contexto do conceito de Freud sobre o amor narcisista, a posição da mulher emerge muito menos “clássica” do que supõe Badiou. Pelas implicações da caracterização narcisista da mulher em Freud, o narcisismo dela diz que seu desejo de ser amada, que é seu narcisismo, não se opõe a amar ou ao processo de amar, mas se explicita somente pela travessia do processo de amar.

Apesar da observação de Badiou ser consistente com o modo como a dissimetria é lida, deixa a mulher à margem, “o Outro sexo” na posição de falta de ser, eterna representação de ironia ou calamidade para a comunidade. A destruidora da civilização, no vocabulário de Freud, anamorfose ou mancha nos termos de Lacan; sujeito por excelência. A mulher como significante do discurso corrente só é sujeito por excelência porque não-existente. E o seu desejo está sempre por um fio.

Na medida em que há no $\exists x.\Phi x$ o vazio, a falta, a ausência de seja o que for que negue a função fálica, inversamente não há nada a não ser o não-todo na posição da mulher em relação à função fálica. Ela, a mulher, com efeito é não-toda, o que não quer dizer que negue essa função. Ela também não é Outro nem é o lugar do Outro, por que ela não existe nessa função por estar no próprio lugar de negá-la. Ela é aquilo que se inscreve pelo significante do Outro barrado; a mulher é um centro gozoso (*jouis-centre* que se aproxima por homofonia a gozo, *jouissance*, com ideia de centro)

conjugado com o que não é ausência mas *dessência*, uma *dé-sence* (privação, falta de sentido que sugere uma homofonia com *décence*, decência, pudor). A mulher se distingue por não ser unificante, não ser Um. Não é possível contradição ao não-todas, que é somente expressão de contingência. Não há coletivo possível de não-toda, não se trata nem da lógica de Aristóteles nem da lógica matemática, mas do impossível que no final de contas é o real.

Estive no *jouis-centre* da escrita e da violência, assim como Vera Sílvia esteve no *jouis-centre* da fala e da violência sobre seu próprio corpo, foi torturada como o Homem, sofreu a castração do Homem. Vera Sílvia sobreviveu, mas saiu da prisão em uma cadeira de rodas em direção ao exílio. A mim me calaram, sofri a violência da escrita que me lançou no vórtice de um embate entre os grandes grupos da mídia nacional, representantes dos interesses conservadores das empresas de comunicação e a mídia nacional progressista, representante dos interesses da cidadania. Eu me afastei do governo onde trabalhava articulando programas sociais no nível federal e passei a fazer parte da rede social progressista, constituída como alternativa à mídia em defesa dos direitos sociais pela democratização da comunicação. Continuei a trabalhar na clínica e na transmissão da psicanálise.

Freud, desde a década de 20 até o final da década de 30, se perguntava: se há mulher, qual seria o desejo dela? O que quer a mulher?

“Como a mulher não existe, só existem mulheres do torturador, moldadas pela angústia do torturador e do Diogo Mainardi, conforme o desejo deles.” (comunicação pessoal de meu colega Leon Capeller).

APÊNDICE

Pensata: Escrita e violência

Ivanisa Teitelroït Martins* | 25/05/2006

Neste artigo exclusivo para o Portal Imprensa, a psicanalista Ivanisa Teitelroït Martins, esposa do jornalista Franklin Martins, faz uma avaliação, do ponto de vista da psicanálise, dos últimos acontecimentos envolvendo seu nome e de seu marido, acusado pelo colunista da Veja, Diogo Mainardi, de fazer tráfico de influência.

O mal-estar na cultura que Freud tão bem articulou é vivido no cotidiano das instituições e das estruturas. Pela saturação imaginária, provocada pelas diversas CPIs em curso no Congresso, em que se comete excessos no ato de acusar, em que depoentes já estão condenados por antecipação sem provas, produz-se um ruído de fundo e um rumor de mal-estar transformado em peste moral que cresce sem parar, loucamente, e ameaça, em alguns momentos, destruir tudo e causar a disrupção da razão. Há pelo menos dois tipos de destruição, que não cabe trazer a esta reflexão, mas diferente destes, há a lógica do campo de concentração, exercida com maldade burocrática a frio, construindo o estado de exceção. O extermínio só foi possível porque conduzido pela burocracia, como é, hoje em dia, pela técnica moderna. De um lado o texto impresso que é lento, de outro a velocidade da Internet que ofusca a reflexão, que produz vociferações anônimas. A técnica moderna introduz uma gramática sem discurso e um discurso que pode aniquilar todos os discursos. Instaura-se um tribunal virtual e simulado com poder de disseminação de acusações, apoiadas em supostas informações sobre vínculos de jornalistas a esta ou aquela corrente partidária, como máfia, ou a um partido como organização criminosa. Incrimina-se o próprio ato de pensar ou ter opinião. Pensar, fazer pensar, informar e ter outros que pensam da mesma maneira é mafioso, é promíscuo, é criminoso. "Ser brasileiro é ser moralmente frouxo". "Ser jornalista e ser brasileiro é ser moralmente frouxo". As provas são levantadas junto a outros que são instalados na posição de fontes em off, anônimos detentores da "verdade". Fulano disse e, se foi dito, tudo está provado. O direito de resposta é vedado, o direito à defesa é vedado. A acusação em tempos contemporâneos tem seu efeito instantâneo, enquanto a defesa legal é morosa. A resposta às acusações ou é o silêncio ou a própria defesa de se dizer neutro. Mas nem a neutralidade é imparcial. O efeito é a paralisia da ação política. O resultado é o retrocesso ao campo da ausência da lei ou à violência arbitrária de uma lei - que não é, por certo, a do Estado de Direito -, exercida por um "bando soberano" (Giorgio Agambén).

Algo semelhante ocorre com a palavra e sua relação com o homem que a pronuncia e o homem que a escuta ou a lê atenta ou desatentamente. Como disse Lacan, em um de seus seminários, a palavra pode ser - e de fato é - um câncer: proliferação e multiplicação fulminante, letal. A vitória do resíduo, do detrito pode destruir a ordem social.

**Ivanisa Teitelroït Martins é psicanalista*

BIBLIOGRAFIA

- Agambén, G. – *Estado de exceção*. São Paulo, Boitempo, 2004.
- Copjet, J. – *Imagine there's no woman: ethics and sublimation*. First MIT Press paperback edition, 2004.
- Freud, S. – *Volume XIII de Obras Completas, Totem e Tabu (1913[1912-13])*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- Freud, S. – *Volume XXII de Obras Completas, Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- Lacan, J. – *Escritos, Kant com Sade*. Jorge Zahar Ed., 1998.
- Lacan, J. – *O Seminário, livro 16 De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.
- Lacan, J. – *O Seminário, livro 19 ...ou pior*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2010.
- Lacan, J. – *O Seminário, livro 20 Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, J. – *O Seminário, livro 23 O sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.